



VI Simpósio sobre A Formação do Analista

O que Lacan diz a respeito da Formação do Analista. Reflexões, conduzidas por **Edna Porto**, sobre o texto de Lacan **Situação da Psicanálise e Formação do Psicanalista** in **Escritos**, como uma introdução ao seu importante texto sobre a formação do Analista, **Proposition du 9 octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École**, (Scilicet , no. 1, Paris, 1968)

Recife 14 de dezembro de 1996,

sede do **Traço** Freudiano **Veredas** Lacanianas

Revisão : **Paulo Roberto Medeiros e Edna Porto**
Digitação, arte e editoração: **João Rego**

VI simpósio sobre a formação do analista

Recife 14 de dezembro de 1996,

sede do Traço Freudiano Veredas Lacanianas

Agora eu acho que a clareza com que certas instituições expõem esses mecanismos, nos cega em relação ao que nós próprios reproduzimos disso entre nós sem que nos apercebamos. Isso é tão claro em certos modelos institucionais que a gente pensa que só acontece com eles e que eles então são os portadores desse defeito que nós não temos. Na verdade essas coisas não se passam porque eles sejam isto ou aquilo, mas porque isso é da ordem do inconsciente, isso são os seus efeitos e nós acabamos por reproduzir isso também. O que a gente deve fazer é tentar se dar conta. Porque isso aparecerá entre nós o tempo todo. Isso é o que diz de uma formação.(Edna Porto)

João Rego: Hoje é catorze, catorze de dezembro, Formação do Analista.

Edna Porto: Olhe, o texto... na ordem dos textos que a nós estabelecemos, quando fizemos aquele conjunto de textos escolhidos, agora deveríamos tratar do texto a **Proposição de 09 de outubro**¹. Na ordem dos textos que a gente estabeleceu para seguir, hoje trataríamos do texto a Proposição de 09 de outubro; mas esse texto, logo após o título, tem uma chamada de Lacan dizendo que ele supõe, lido e bem lido o texto **Situação da Psicanálise e Formação do Psicanalista em 1956**². Então eu segui essa ressalva de Lacan e acho que o texto *Situação da Psicanálise e Formação do Psicanalista em 1956*, é um texto extenso e complexo e importante demais e vale até que a gente então se dedique bem a ele para depois passar para o texto da *Proposição* que é em si um texto de uma dificuldade tal que quanto mais a gente estiver instrumentalizado para acompanhá-lo, melhor. Então o texto *Situação da Psicanálise* está nos **Escritos**, é um texto que consta dos **Escritos**, inclusive na sua tradução para o português, porque os **Escritos** é uma redução, mas esse texto está lá com todas as dificuldades de tradução que tem esta nossa versão em português. Trata-se aqui de um resumo; como qualquer resumo, ele não presta, não presta porque acaba causando um certo empobrecimento do texto original, mas de vez em quando a gente tem que, eu acho, caminhar por esses métodos reducionistas e tentar fazer com que eles causem o menor dano possível. Eu tentei preservar ao máximo o estilo que Lacan expressa quase sempre nesse texto; isso é muito visível e situável, um estilo extremamente irônico, mas de uma precisão impressionante no que ele tenta articular. Então eu tento ver se consigo preservar fazendo um resumo com todos os defeitos que um resumo necessariamente acaba produzindo, eu tento preservar isso, e acho que a gente deve ler o texto, eu fiz um resumo tentando inclusive manter certas frases de Lacan ou a maioria das frases aqui são dele, eu só faço uma certa..., um certo recorte tentando fazer com que cada idéia mais importante esteja aqui registrada na sua articulação e acho que a gente deve ir lendo e parando na medida em que for aparecendo o que comentar de cada texto, que não seja assim, uma leitura que eu faça e a gente só comente depois, porque eu tenho a impressão que se a gente fizer assim as questões, elas caducam em relação a organização que ele fez. Bem, então vamos lá! Ele começa fazendo uma afirmação:

¹ LACAN, Jacques. **Proposition du 9 octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École**, Scilicet , no. 1, Paris, 1968

² LACAN, Jacques. **Situação da Psicanálise e Formação do Psicanalista** in *Escritos [Ecrits. Éditions du Seuil, 1966]* pp. 189-222. Editora Perspectiva. Coleção Debates No.132, 1992. São Paulo

"Que a experiência do psicanalista se esclarece ao fazer dos termos de Freud, não preceitos, mas conceitos. O que nos ocorreu tratar nesses termos é a situação verdadeira da formação válida.³".

Eu vou chamando atenção, porque as palavras nesse texto tem um..., elas não são jamais casuais.

"Conhece-se a expressão: Como é possível ser psicanalista? Ao qual acrescenta-se um: Eu não gostaria de viver com um psicanalista. Essa reverência ambígua é mais ou menos equivalente ao crédito que a ciência nos outorga. Entendemos que a explicação para este tipo de crédito deva ser procurada na situação da psicanálise, mais do que na situação dos psicanalistas, pois se pudemos definir a psicanálise como o tratamento que se espera de um psicanalista, é no entanto a psicanálise que decide da qualidade deste. Os conceitos Freudianos entre si, poderosamente articulados, não correspondem a nada que se dê imediatamente à intuição e isto lhes é substituído, ponto por ponto, por uma aproximação teórica grosseira. É assim que a transferência permanece como a força de adesão de um consentimento comum, identificado com um sentimento ou constelação de sentimentos experimentados pelo paciente, enquanto que somente ao defini-la pelo efeito de reprodução, repetição relativa à análise, resulta que o mais claro dela deve passar despercebido ao sujeito."

Na verdade Lacan vai construir esse texto partindo de dois conceitos para ele demonstrados aqui como fundamentais para se entender, não só a situação da psicanálise, mas o que é o fazer do analista. Então ele toma o **conceito de transferência**, o **conceito de resistência** e vai desde essa compreensão, - que ao tempo em que é grosseira, é também freqüente -, uma compreensão um tanto "afetivizada" desses dois conceitos, transferência que ele chama assim:

"...tomada como a força de adesão de um consentimento comum, identificado com um sentimento ou constelação de sentimentos experimentados pelo paciente, enquanto que somente ao defini-la pelo efeito de reprodução relativa à análise resulta que o mais claro dela deve passar despercebido ao sujeito."

João Rego: O mais claro dela é o que hein, nesse...?

Edna Porto: O nível em que ela é inconsciente e por isso..., e por isso não, ao tempo em que é marcada pela repetição. Então a transferência não é assim um, digamos assim, uma tendência afetiva positiva ou negativa, isso é uma face extremamente simplória do que pode se chamar transferência. Lacan, ele está realmente tentando que a gente seja muito rigoroso na compreensão dessas duas coisas que fundam a análise e que se não tomadas em seu rigor, afundam uma análise, e a inviabilizam completamente

João Rego: Você quer dizer que esse conceito de transferência negativa, positiva, contra - transferência, é uma coisa muito mecanicista para um negócio mais complexo que ele está falando aí, essa constelação de emoções e tal....

Edna Porto: Ultrapassa disso e muito. Eu acho que a gente podia conversar um pouco mais, porque o parágrafo seguinte já é resistência. Taciana, você que tem estudado tanto transferência, nos ajude um pouco. Porque eu acho que há uma circulação da fala acerca de transferência sempre muito marcada, muito circunscrita a uma compreensão afetiva da transferência, e há uma leitura disso apenas nesse registro, quando transferência é algo muito

³ Todo texto lido será em itálico para que se distinga muito claramente o discutido em grupo com a escrita de Lacan. A não ser que seja especificado, todo texto lido será de: **LACAN**, Jacques. **Situação da Psicanálise e Formação do Psicanalista** in Escritos [Ecrits. Éditions du Seuil, 1966] pp. 189-222. Editora Perspectiva. Coleção Debates No.132, 1992. São Paulo

poderoso, porque é alguma coisa marcada por um automatismo de repetição,...., que é o terreno no qual uma análise pode acontecer. Sem isso ela não acontece.

Gedalva Rapela: E esse conceito de transferência negativa ou positiva, que foi tratado como mecanicista, talvez o que você falou o que há de mais primário, seja o mais adequado. Quando ele falou mecanicista eu não entendi, como se diz, porque o que há de mais primário quando se estuda a transferência, ou seja, o fenômeno da repetição, é que é o leito que pode definir a compreensão mais funda do que é transferência, e para que serve isso dentro da análise.

João Rego: Não, mecanicista eu quis dizer aquela visão do sujeito ficar tentando entender se é positiva, transferência negativa ou, sabe? Querer jogar em coisas “estanques”. Pelo o que o texto está dizendo aí, ultrapassa muito isso.

Edna Porto: Taciana apresentou agora na jornada um trabalho que eu faço questão de me referir a ele porque me parece uma síntese muito feliz do que Freud e Lacan apontam no campo da transferência, como alguma coisa que circula e circula bastante claramente pelo *Nó Borromeu* nos atravessando e nos oportunizando. Assim, é possível, a partir de compreender a transferência desse jeito e de situá-la aí, é possível perceber ela nos níveis, nos registros do Real, do Imaginário e do Simbólico, e aí poder então situar a análise como alguma coisa cujo movimento de demanda e desejo acontece nesses níveis e nesse fenômeno da transferência. Taciana, ajude. Eu estou roubando suas palavras, mas elas são suas. É... Freud fala de transferência como amor de confiança, então esse apelo a alguma coisa, a uma palavra do registro dos afetos, mas uma palavra muito enigmática como a palavra amor, que eu chamo do registro dos afetos, porque a gente está habituado mesmo a falar de amor como um sentimento, e então trás esse âmbito afetivo que a gente lida com isso. Talvez esta tenha sido uma das facilitações para que esse caminho tivesse sido buscado. Mas ao tempo em que Lacan retoma essa noção de amor e faz passar isso nos três registros, a gente percebe, assim, o enigmático e a complexidade de compreender amor de transferência, transferência como amor, mas que dá conta do recobrimento possível ao Simbólico, ao Real e Imaginário, situáveis numa análise.

Paulo Medeiros: Para mim essa é a essência, digamos assim, do que tem de novo na *Proposição* de Lacan. São justamente esses três registros: o do Real, do Simbólico e do Imaginário, porque o que há de novo em relação a *Situação da Psicanálise* que ele aponta, é justamente a leitura que ele propõe ao nível de uma estrutura, ou seja, de uma relação de estrutura.

Edna Porto: Eu acho que isso não só circunscreve assim, dando a ela a possibilidade de terapia que Lacan é... e extremamente específica e própria e consistente, mas também amplia a clínica, situa as estruturas Freudianas dentro de um registro como ..., e agora sempre tomando, assim, o que eu acho interessante é que Lacan faz isso tudo sempre recorrendo a Freud, sempre fazendo dos conceitos de Freud, não preceitos, não alguma coisa do ponto de vista de um dogma que devia ser obedecido, mas ele vai dialogando com esses conceitos e perseguindo suas articulações possíveis.

Taciana Mafra: Eu acho que ajuda a gente entender essa questão dessa passagem para a resistência, essa nossa... do *Nó Borromeu*, como isso circula, o valor enquanto alguma coisa que resiste..., quer dizer, essa resistência como alguma coisa que resiste a uma simbolização. É necessário com que essa resistência também saia dessa coisa: que há um bloqueio, há alguma coisa a ser combatida, essa noção “afetivizada” de resistência.

Edna Porto: Ao tempo em que a gente pode situar o imaginário produzido no amor e for indispensável a este. Assim, como alguma coisa que faz obstáculo à simbolização, então é possível entender a resistência aí, é isso que você está apontando, não é Taciana?

Sra. A⁴: Olhe, eu queria um esclarecimento, novamente na questão das estruturas. Como é que fica a transferência no psicótico?

⁴ A pessoa solicitou para não ser identificada

Edna Porto: Eu acho que eu não entendi sua pergunta. Como é que fica...?

Sra A: Dentro da minha ignorância, uma hipótese que eu faço é que o psicótico não circula bem no Simbólico. Então se a transferência envolve o nó das três instâncias, como é que fica no psicótico, que não tem uma dessas instâncias ou tem ela defasada?

Edna Porto: Olhe, é uma pergunta muito difícil de responder no caminho que eu estou tomando aqui, até porque eu tenho pouca experiência com psicóticos, mas me parece que todo discurso produzido e a relação de análise é uma relação, então o analista está aí incluído como..., nessa fala que se produz, então (**Sra A:** ..ininteligível..)... incluído nessa relação, o psicótico não produz ele uma análise sozinho, uma análise é sempre alguma coisa produzido numa circulação que nem sequer é dual. Então, entendendo aí, eu penso que é necessário lembrar que todo discurso humano ele é articulável e articulado enquanto *Nó Borromeu*, enquanto algo que se faz suportar por um Real que trás um Simbólico e que se estabelece enquanto Imaginário. Então eu fico..., eu acho que é preciso entender onde é que o Simbólico entra, não necessariamente assim, a transferência do psicótico como alguma coisa que, ..., deixa eu ver como é que digo para você o que eu estou pensando... Porque no psicótico há uma, bem, digamos assim, há uma hipertrofia do Real, um Imaginário dificultado e um Simbólico fraturado.

Paulo Medeiros: Excluído. Deveria excluir.

Edna Porto: Então o Simbólico talvez vá estar do lado do analista. Mas você me pega num momento, **Sra A**, para responder essas coisas que eu estou com elas assim muito em questão para mim, sabe, muito em questão para mim, até porque não há estruturas puras, eu me pergunto sempre como é que o analista, enquanto sustentado e sustentador da metáfora paterna, como é que ele atende psicóticos, como é que ele atende perversos, então você me pega num momento assim que isto para mim está muito movediço, então eu tenho até dificuldade de produzir para você um discurso mais arrumado, porque eu estou com essas coisas muito em questão para mim.

Gedalva Rapela: Eu perguntaria o seguinte: Será que nós não estamos trazendo essa questão para o psicótico, como se ele ele tivesse permanentemente afastado..., uma crise num momento difícil, onde explodiu algo que não estabelece nenhuma conexão com os outros três, com as outras três estruturas dessas outras duas, vamos dizer, áreas dessa visão.

Edna Porto: Não é a psicose apenas compreendida em sua crise?. Permanente é o que...?

Gedalva Rapela: É fechada assim como você falou, não há estrutura?

Edna Porto: Não há estruturas puras...

Gedalva Rapela: É uma coisa assim técnica, e nós estamos perguntando como é que isso acontece na questão da transferência. (...) é um momento que...

Edna Porto: Mas, de qualquer modo, na medida em que a gente fala de estrutura, a gente afirma que há aí alguma coisa que não é apenas episódica, do ponto de vista de uma crise, mas alguma coisa que permanece como traço fundante e fundamental, que mesmo fora da crise e mesmo não havendo estruturas puras há uma predominância de uma determinada estrutura. Porque eu acho muito difícil dizer que numa constituição de um sujeito não tenha nada de recalque nunca, não é, então por isso que fica difícil dizer que tem estrutura pura, mas que há uma estrutura predominante numa constituição, sim!

Pedro Leonardo: A pergunta da **Sra A** é como é essa transferência nessas circunstâncias.

Edna Porto: Enquanto situação, enquanto registro de... eu entendi assim. Mas o que é então esse *como é?* Porque para aonde eu entendi o *como é* dela foi tentando articular no registro do Simbólico, do Real e do Imaginário.

Pedro Leonardo:...uma posição de Deus, de Deus na terra. Isso é a transferência do psicótico. Então a questão é saber como é que, nessa coisa fundamental aí da transferência, na hora da morte o psicótico vai, atribui e mantém o sujeito numa posição de Deus, não permite que caia; não há Simbólico, não há morte, não há castração. Então Flechsig⁵ é um Deus pequenino.

Paulo Medeiros: Ao meu ver o nível da estrutura, quer dizer, a **Proposição** do Lacan é que haja uma determinação Simbólica na relação transferencial. Aqui nesse texto. Em relação a psicose, o que me parece é que a **Proposição** do Lacan indica a partir do episódio **O Homem dos Lobos** que há uma determinação a partir do Real e não do Simbólico na transferência psicótica, quer dizer, no neurótico há o Imaginário dando uma materialização, uma idéia possível do que seja a relação dele com o analista. O início de uma análise mantém-se, ao meu ver, um tanto no Imaginário, devendo caminhar em direção à determinação Simbólica. Em relação ao psicótico me parece que essa determinação é do campo do Real. Aproveitando o que Pedro trouxe a lembrança sobre o Schreber, então, os delírios de Schreber eram de um deus materializado, de um deus real, um deus que aparecia a ele, um deus com quem ele conversava, um deus com quem ele mantinha um diálogo constante. Bom! Então haveria, a meu ver, aí algo de um nível em que estaria excluída uma determinação Simbólica, a partir até do próprio nome próprio do Pai. Eu tive ocasião de trabalhar isso agora na Jornada, quer dizer, o nome excluído do nome dele (Schreber) é o *Nome-do-Pai*, *Got* que é Deus. Flechsig, o nome dele era Theodor, *Theo* = *Deus* também, não é mesmo? Então é nesse campo do Real que se circunscreve a determinação da transferência, a *Theo*, a *Deus*, pela impossibilidade de simbolizar que esse *Deus* seria *Got*, o *Nome-do-Pai*, algo por aí. Agora, não sei, talvez isso seja um...

Everaldo Soares Júnior:... mesmo no início de Freud, que ele vai achar que se presta à análise, à psicanálise, às neuroses transferenciais. Seriam as psiconeuroses, e de alguma forma eu vejo isso como deixar de lado, por exemplo, os psicóticos e as crianças..(**Pedro Leonardo:** Os perversos.) Os perversos também, ele fala isso. Mas, ao mesmo tempo, ele saía desse tema fenomenológico, afetivo, que foi colocado aqui inicialmente, e esse afetivo é produto pulsional também, para uma coisa mais estrutural. É tanto que ele vai, em diversos artigos, se dedicar à questão da psicose, como por exemplo, Schreber. Como, por exemplo, o artigo sobre o *Narcisismo* que ele vai explicar o Narcisismo, ele começa pelas parafrenias, ele começa pela megalomania, então havia em Freud, seguindo essa questão dos conceitos freudianos, ou dos preceitos freudianos uma busca dessa estrutura, como funcionaria? Só duas coisas. Agora me parece que nos psicóticos teria essa questão da linguagem, do distúrbio da linguagem, voltando ao *Nó Borromeu*, não haveria aí uma amarração nesse *Nó Borromeu*, no Simbólico, no Real e no Imaginário. Mas eu também me pergunto uma coisa: essas estruturas que não são tão puras assim, de doidos nós temos um pouco, de neurótico às vezes muito e às vezes os psicóticos têm muito de neurótico também. Como é que ficaria essa história? Estudando uma vez o *Seminário das Psicoses*,⁶ a gente chegou a uma coisa que seria um recalque inerte, um recalque inerte que existiria nos psicóticos, pelo menos daqueles que não tem uma profunda dissociação psíquica, que eram possíveis de análise, eram possíveis de fazer análise e haveria o fenômeno transferencial. Aí eu fico pensando assim: o *Nome-do-Pai* que a gente sempre fala, eu acho que são os *Nomes-do-Pai*, há vários recalques; essa proposição de Paulo excluído do Real, excluído do Simbólico, essa hipertrofia aí dessa questão Real e Imaginário e o Simbólico excluído, mas eu acho que muitas vezes essa exclusão é apenas um significante, um dos nomes do Pai, um dos nomes do Pai, (**Paulo Medeiros:** Mas é

⁵ Fleschsig, primeiro médico de Schreber Cf. FREUD, Sigmund. **Notas Psicanálticas sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranóia (Dementia Paranoides) - O caso Schreber (1911)**. [*Psychoanalytische Bemerkungen über einen Autobiographisch Beschriebenen Fall von Paranoia (Dementia Paranoides)*] (Viena, G.S., 8, 355-431; G.W., 8, 240-316) Trad. Inglês: 'Psycho-Analytic Notes upon an Autobiographical Account of a Case of Paranoia (Dementia Paranoides)' (Standard Ed.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Vol.XII. Rio de Janeiro. Imago Editora. 1969

⁶ LACAN, Jacques **O Seminário de Jacques Lacan. Livro III: As Psicoses 1955-1956** [*Le Séminaire de Jacques Lacan. Livre III: Les psychoses (1955-1956)*]. Éd. du Seuil, Paris. 1981]. Ed. Zahar, São Paulo, 1987

o que estrutura todos)..que estrutura todos, (**Pedro Leonardo**: Não um qualquer.) ..não é um significante qualquer, mas haveria algo de alguma forma e não sei se amarraria esse *Nó Borromeu*, certo, mas que permitiria dentro da condição estrutural do psicótico, do perverso ou da criança, fazer análise, fazer esse movimento à simbolização.

João Rego: Retomamos o texto, vamos retomar?

Edna Porto: Voltando ao texto:

"Do mesmo modo a resistência é assimilada a atitude de oposição que a palavra evoca em seu emprego vulgar. Para saber o que é transferência, é preciso saber o que se passa na análise, e para isto é preciso saber de onde vem a fala. Para saber o que é resistência é preciso saber o que faz obstáculo ao advento da fala, e não é tal disposição individual, mas uma interposição imaginária que ultrapassa a individualidade do sujeito no que ela estrutura sua individualização especificada na relação dual. Não que o rigor conceitual e a elaboração técnica não se encontrem nos trabalhos psicanalíticos. Tal situação se produz por um vício profundo e ao qual os preceitos da prática conduziram a uma confusão singular. Conhecem-se as regras da associação livre e da atenção flutuante que Freud indica expressamente. Esses dois preceitos valorizam suficientemente o papel fundamental do discurso do sujeito e de sua escuta. A isso se dedicaram os psicanalistas da idade de ouro da psicanálise. Se a colheita foi tão fecunda não foi sem razão. Porém conduziram-nos rapidamente a um nó que foi transformado em impasse. Na verdade o problema se colocou a partir do momento em que o paciente, chegando tão rapidamente a esse saber quanto os analistas lhe serviu preparada a interpretação que era tarefa deles. Não acreditando mais em suas orelhas, eles quiseram reencontrar o para além do discurso, mas sem saber o que era. E para designar essa imediatez do transcendente, nada foi poupado das metáforas do compacto. O afeto, o vivido, a atitude, a descarga, a necessidade de amor, a agressividade latente, armadura do caráter, o ferrolho da defesa, acessíveis apenas a um não sei que, e que introduz no ensino uma exigência inédita: a do inarticulado."

Paulo Medeiros: É isso que eu acho que tem a relação fundamental com a idéia..., acho que foi João que falou a respeito de transferência negativa, positiva.., o Imaginário sendo teorizado, quer dizer, quando Lacan situa a transferência no campo do afeto, do vivido, da atitude, descarga, a necessidade de amor, agressividade latente, armadura do caráter, ferrolho da defesa, aí me parece que ele está situando o quanto nessa época, - eu digo nessa época, na época do artigo que ele escreveu, mas hoje ainda isso vige... isso ainda vige na maior parte das instituições psicanalíticas -, quer dizer, uma ênfase sobre a significação, sobre o campo imaginário de uma relação transferencial.

Edna Porto: Eu acho que ... e do ponto de vista teórico e do ponto de vista de algumas leituras de Freud, a leitura de Lacan por exemplo, e de alguma prática da psicanálise, esse momento foi ultrapassado, mas ele permanece o momento...(mudança de fita).. verificar as produções imaginárias a partir da leitura da janela que a psicanálise abria para que se desse conta dessa escuta. Mas o limite dessa significação é o domínio de algumas chaves. E se a clínica se reduz a isso, ela passa a ser uma clínica de decodificação de significações, e aí ela é de uma finitude que ele aponta como termo dessa finitude o momento em que também os pacientes passaram a conhecer as chaves dessa leitura e a dar conta dessa decodificação do Imaginário com tanta rapidez quanto o analista. E talvez até com mais desenvoltura do que ele, já que não tinha a preocupação de se preservar enquanto profissional, tinha mais era que querer sair logo de suas análises. Então isso pôs um termo a essa possibilidade da clínica se circunscrever a esta decodificação. Então esse limite da clínica por aí apontou para a necessidade de um *para além do discurso* que Lacan diz assim:

"Que foi para aonde tentaram ir, mas sem dar conta do que era isso, do que era esse para além. E no caminho de tentar recuperar uma função para a análise, houve uma espécie de rotulação.."

...eu ontem, quinta-feira, eu estudando aqui eu estava dizendo assim, como se estivesse introduzido muitas gavetinhas, muitos títulos, muitos rótulos, um detalhamento muito grande para captar esse Imaginário e manter essas coisas assim que já estavam capengas. Mas sem saber como passar adiante, manter parecendo que elas se tornavam mais complexas, então é o que Lacan indica aqui como criações de *metáforas do compacto*. Ir pela linha do afeto, do vivido, das atitudes, das descargas, das defesas, do eu e das necessidades, do trabalho com agressividade, do caráter que passaram a ser entendíveis e acessíveis como se o analista fosse alguém que tivesse assim uma capacidade de Pai de Santo, uma inspiração transcendente, uma coisa que ele não sabia dizer o que era, como se de repente, de vez em quando, a humanidade produzisse pessoas com uma capacidade mágica diferente e esses seriam os analistas, que passariam a ser uma casta de pessoas que tinham uma intuição diferente dos demais e isso dava a eles uma possibilidade de se postar como funcionando dentro de uma coisa que eles nem sabiam dizer o que era. E que tinha legitimidade assim mesmo, pela sua desarticulação, sua inarticulação. Aí Lacan diz que isso introduziu no ensino a exigência de lidar com essa inarticulação e de..., no nível da formação isso de vez em quando a gente encontra.

Taciana Mafra: Isso era aquele cardápio que Ferenczi dava do que tinha que ser um analista no fim de análise, com todos aqueles adjetivos maravilhosos que concluíam no adivinho perfeito.

Edna Porto: Um oráculo absoluto. Está bom isso assim? Já podemos passar? Eu acho importante esse trecho que Lacan dá nesse parágrafo quando ele diz que esta necessidade de preservar uma função na análise, na análise funcionando sem saber para onde ia, mas ainda tentando valorizar isso que já não tinha condição de valorização, introduziu no ensino a exigência de que o ensino fosse também ele inarticulado. Então estudasse qualquer coisa, de qualquer jeito, porque afinal de contas a gente não tem mesmo que saber muito, por alguma coisa que se trata de não saber, então a gente vai não sabendo e fazendo arremedos e adivinhando e achando que qualquer coisa que a gente fizer vai ficar muito boa, afinal de contas nós somos ótimos. (**Alguém:** Nós somos o que?) Ótimos.

Paulo Medeiros: Agora a crítica que ele faz a desintelectualização é pesadíssima. *"A história dos preceitos acaba num ritual, num ritual técnico e inócuo, num vazio intelectual, falta de questionamento, porque questionar já seria um problema."*

Edna Porto: E falta de conhecimento intelectual, falta de erudição mínima.

Paulo Medeiros: Agora, me diz uma coisa, por falar em falta de cultura, alguém pode me ajudar aqui com esse termo extemporária, já descobriu o que é isso?

Alguém: Não.

Paulo Medeiros: Eu estava perguntando a Eugênia, porque *estecoraire*, assim...

Eugênia Menezes: No meu já está sublinhado, porque eu não consegui entender.

Paulo Medeiros: Vem de esterco, agora eu não sei se é isso. Estertuário.

Edna Porto: (voltando a leitura do texto)

A partir daí, as fantasias psicológicas puderam ter livre curso. Esse domínio de nossas errâncias não é todavia pura fumaça. Seu labirinto nos conduziu por seu fio a vinte séculos de mitologia. Freud aí é gritante. Todo seu esforço de 1897 a 1914 foi o de estabelecer domínios do Imaginário e do Real nos mecanismos do inconsciente. É singular que isto tenha levado os psicanalistas, em duas etapas, a

fazer do Imaginário um outro Real e depois vai encontrar aí a norma do Real. Sem dúvida o Imaginário não é ilusório e dá matéria à idéia, mas Freud sempre relembra poderosamente que a função imaginária se subordina à determinação simbólica, quer se trate do mecanismo do esquecimento verbal ou da estrutura do fetichismo.

Edna Porto: Como Júnior?

Everaldo Soares Júnior: Essa materialização do Imaginário, aí foi que ...(...) ..essa questão do ilusório... .

João Rego: O Imaginário não é ilusório?

Everaldo Soares Júnior: Ele materializa. ...

Paulo Medeiros: Claro, é o Imaginário que materializa toda essa ordem de idéias. Foi pela via do Imaginário que materializaram esses preceitos, na época ao redor do que seria a Formação do Analista.

Pedro Leonardo: E é interessante ver... bem antes, quer dizer, na criação do Instituto de Berlim, veja como é interessante, todos esses preceitos lá na criação do Instituto ocorrem em decorrência do anúncio da morte de Freud, o câncer de Freud. Quer dizer, esses preceitos lá na criação do primeiro Instituto que foi o de Berlim, de Formação; com todo esse trâmite, esse ritual, é criado no diagnóstico do câncer de Freud. O medo é que Freud iria morrer e era preciso dar um certo rigor, criar mecanismos e trâmites e normas e leis de formação, o que mostra que aí a morte, no caso, o Simbólico, como cria-se esse preceito de ordem imaginária, não é? para resistir à morte, enfim, resistir ao Simbólico.

Taciana Mafra: Toda a formação para se ser um aparato narcísico, uma maquiagem de evitação desse luto.

Pedro Leonardo: É, de maneira imaginária, e até um certo,... e a coisa como caminhou findou num certo conluio perverso; essa coisa do Imaginário é que ainda...

Edna Porto: Na verdade é dar conta disso apenas no nível Imaginário, inibindo a simbolização que o luto provoca.

Pedro Leonardo: ... a questão dos bens... daí a questão da inibição também do intelectual, da produção científica, inibe.

Taciana Mafra: ...nenhuma teorização que dê conta daquilo que vá se constituindo como pragmático.

Paulo Medeiros: Até porque para haver uma determinação simbólica é preciso passar pela morte e o que estava sendo negada era a morte do Freud. Então, em sendo negada a morte do Freud instituí-se o quê? Toda uma série de preceitos imaginários e não Simbólicos, porque não passaram pela morte do Pai. Tanto é que, - há bom mais adiante Edna vai tocar... -, a coisa do Comitê por exemplo, já vem para mostrar o quanto do Imaginário havia no Instituto de Berlim, na Formação.

Pedro Leonardo: Descambou para a perversão.

Paulo Medeiros: Para a perversão, o chamado Comitê.

Edna Porto: Tenham cuidado porque na tentativa de fazer síntese eu posso passar por coisas fundamentais, viu?

Paulo Medeiros: Pode ir passando, está seguindo o texto e pronto,..

Edna Porto: (voltando a leitura do texto)

E pode-se dizer que insistindo para que a neurose fosse sempre reconduzida ao Nó do Édipo, ele visava assegurar o Imaginário em sua concatenação simbólica, pois a ordem simbólica exige três termos ao menos, o que impõe ao analista não esquecer o Outro presente entre os dois que por estarem lá não englobam aquele que fala.

Paulo Medeiros: Isso é que é para mim o fundamental em todo o texto. Para mim a grande sacada do Lacan foi essa sacada em relação ao Outro.

Taciana Mafra: Dois é ímpar não é?.

Paulo Medeiros: Dois é ímpar.

João Rego: O que isto quer dizer Paulo?

Paulo Medeiros: Dois é ímpar, ou seja, em uma relação analista-analisante, há um terceiro, que é a palavra. Então esse Outro, aquilo que a gente discutiu...

(passa-se o microfone para **Paulo Medeiros**)

Paulo Medeiros: Alô? alô?...*El dia en que me quieras* .. eu não posso ver um microfone desse que me dar vontade de cantar. Ah! não é karaokê não? Desculpem, pensei.

Edna Porto: Isto é para você falar do Outro, Paulo (...) você estava falando na estrutura triádica da relação analítica... e a referência à alteridade aí, por favor..

Paulo Medeiros: Para mim é o ponto principal do texto. A gente tem discutido aqui por exemplo, aquele, o esquema L, então...., aquele deslocamento do Imaginário para o Simbólico que Lacan tanto insistiu na década de 50, eu acho que esse é a proposição da síntese daquele esquema. Quer dizer: há nessa relação uma determinação da ordem simbólica e essa determinação da ordem simbólica é justamente a imparidade entre os dois. Essa imparidade de dois é estatuída por um terceiro que é da ordem simbólica, que é a fala e a escuta dessa relação. Então a idéia do Outro em Lacan para mim é a grande sacada de Lacan. Apesar dele dizer que ele..., - se bem que Freud de algum modo deixa pista para esse Outro no *Vater* (pai em alemão), nas cartas que ele escreveu a *Fliess* -, mas ainda centro, digamos assim, a minha leitura em Lacan é muito centrada ao redor dessa Proposição que ele faz sobre o Outro. Porque, a partir dessa determinação simbólica conceitual de Lacan, se ramificam todos os outros conceitos. É mais ou menos por aí, digamos que eu procuro centrar a minha leitura de Lacan.

Miriam Aparecida Nogueira: A impossibilidade da paridade exatamente pela questão da linguagem, que é furada no sentido desse apontamento, sempre... o tal do significante da falta de significante no campo do outro, ou seja, esse aberto da linguagem. Então, quer dizer, duas pessoas é impossível haver um entendimento, sempre tem essa dimensão do equívoco, é nesse sentido que vocês estão... nunca será dois, sempre tem esse terceiro da linguagem.

Edna Porto: (...) enquanto origem e destino.

Sra A: Eu me lembro de conversa de bêbados, um diz em uma direção outro diz na outra..

Paulo Medeiros: Sim, porque ele insiste que não é para compreender.

Pedro Leonardo: E eu me lembro de conversa de sóbrio também. (risos)

Edna Porto: E aí é onde a gente pode entender a transferência, uma coisa que não é da ordem assim da transferência positiva ou uma transferência negativa a fulano ou a beltrano. Já que

transferência enquanto algo veiculado pela fala tem essa marca da alteridade. *Mas malgrado o que Freud acrescenta...* - tirou zero no comportamento shiii! (referindo-se a Paulo que estava comentando alguma coisa com o seu vizinho). Fale alto para que os demais ouçam!

Paulo Medeiros: Eu não posso falar alto não, porque eu estava falando aqui..

Edna Porto: Então não fale, porque falando baixo tira zero no comportamento...tem que comprar um microfone giratório...

Taciana Mafra: É, ele tem que ter um negócio automático para botar aqui no microfone. Controle remoto, assim, quando ouve a voz ele vai para o canto certo. Tem que ser um desse, esse aqui não serve não.

Edna Porto: (fazendo a leitura do texto)

Mas, malgrado o que Freud acrescenta de advertência pela sua teoria da miragem narcisista, o analista se engaja cada vez mais adiante em uma relação dual. Isso não é pouca coisa se representa propriamente os traços do inconsciente que Freud firmou cada vez mais. Desde então, por que eludir as questões que o inconsciente provoca? Por que a associação livre nos dá acesso a essas questões? Será por uma liberação comparável aos automatismos neurológicos? Como conceber que as pulsões que aí se descobrem situáveis num nível encefálico se estruturam em termos de linguagem? Pois desde a origem é na linguagem que se fizeram conhecer seus efeitos? As pulsões que nos sonhos se jogam em trocadilhos de almanaque recendem igualmente esse ar de chiste, pois as mesmas pulsões cuja presença distancia o chiste do cômico, aí se afirmam sobre altaneira alteridade.

Eu me lembrei, Pedro, do exemplo do cachorro que você estava falando. Que o cachorro tinha Imaginário e... alguma coisa assim, se a gente podia falar então de inibição no cachorro, nos animais e as inibições compreendidas como alguma coisa do ponto de vista neurológico.

Paulo Medeiros: Mais o cachorro tem tanto Imaginário que tem um aspecto anedótico em Freud. Freud tinha aquela cachorra *Jofie*, - Chow - chow - Que passava todo tempo junto dele enquanto ele atendia. O Freud dizia que toda vez que a *Jofie* não gostava de alguém que chegava lá para ser atendido o Freud já ficava meio desconfiado, (risos) Então, todo o tempo em que Freud estava atendendo, estava lá o cachorrinho dele, a cachorrinha, a Chow-chow. Sophie?, a que morreu é Sophie.

Fernanda Amazonas: Na relação transferencial na psicanálise com Freud, eram quatro. Porque tinha a imaginação do cachorro, o Imaginário do cachorro, o próprio cachorro. Interessante isso. A gente devia adotar também um cachorro, não é?

Paulo Medeiros: Tem outros bichos também, não é só cachorro. (...)

Pedro Leonardo: Tem aquele americano que fez psicanálise com Freud porque parece que o cachorro estranhou ele. Ele disse: "Mas como? Ihe estranhou?".. tem esse diálogo lá.

Paulo Medeiros: Ele ficava desconfiadíssimo como o povo que *Jofie* não gostava. E era *Jofie* que, às vezes, anunciava o fim da sessão. Ficava latindo para a porta, está na hora de encerrar.

João Rego: Sério?!!!!

Paulo Medeiros: Ficava latindo para a porta, era a hora de encerrar.

Pedro Leonardo: Está vendo como é o Imaginário?

Taciana Mafra: Não Paulo, tu estás falando que ele atendia com o cachorro dentro da sala? Eu não sei disso não.

João Rego: Era, atendia.

Taciana Mafra: Eu não sabia disso não.

Paulo Medeiros: E às vezes pulava no colo dele e ficava no colo.

Gedalva Rapela: E o que ele fazia com a cachorrinha dele quando ela mandava uma cliente de volta?

Taciana Mafra: Dentro da sala, é?

João Rego: Já imaginasse?

Sra A: Quer dizer, ele trabalhava com o tempo zoológico.(risos)

Paulo Medeiros: Mas não precisa ser cachorro, não é mesmo? poderia haver outros bichos.

Edna Porto: Vamos de volta aos traços do inconsciente. De volta ao texto depois dessa cachorrada? Então ele estava tentando..., remetendo à linguagem os efeitos do inconsciente. Então, nisto fala das pulsões, que nos sonhos se jogam em trocadilho de almanaque.

Recende igualmente esse ar de chiste, pois as mesmas pulsões, cuja presença distancia o chiste do cômico, aí se afirma sobre altaneira alteridade. E a defesa cuja denegação basta para indicar a ambigüidade do inconsciente, não utiliza formas menos retóricas e seus modos se concebem mal sem o recurso aos tropos e às figuras de linguagem.

Então Freud está remetendo, ..digo Lacan está remetendo à leitura deste caminho que os psicanalistas tomaram para lidar com os enigmas e as dificuldades e os tropeços de sua função e da situação da psicanálise, ele está remetendo aos efeitos do inconsciente, os efeitos,.... as pulsões e as defesas e tentando situar aí a ordem dessas questões.

Paulo Medeiros: O que eu acho importantíssimo também aí, Edna, é que ele remete isso a um campo que, de um modo geralpoderia ser lembrado, que é o campo da retórica, o campo da retórica. Porque...

Edna Porto: Eu acho muito bom que você pense assim.

Paulo Medeiros: É. Nós nos acostumamos muito a uma leitura topológica que tem o seu lugar, é claro, mas sempre imagino que a topologia seja para dar conta dos tropos de linguagem, os volteios e revolteios da fala e da linguagem. Então aqui ele retoma a ênfase sobre os tropos de linguagem, quer dizer, enfatizando o campo da retórica que para nós hoje me parece que fica um pouco assim deixado num segundo plano em função da topologia. Mas ele aí vai lembrar todas as figuras de linguagem necessárias...

Edna Porto: Começa pela denegação, coloca as defesas na ordem da denegação, depois arremata lançando ao campo dos trópicos de linguagem.

Paulo Medeiros: É... porque o ideal seria se sempre nós pudéssemos trabalhar topologia com tropologia. Existe essa palavra, tropologia? A gente inventa, não é, Eugênia? Tropologia. Então nós poderíamos fazer uma tropostopologia.

Pedro Leonardo: Paulo, vai ver que o esterco.. num sei que lá é isso. (risos)! Estercório. Talvez tenham descoberto aí o sentido.

Edna Porto: (fazendo a leitura do texto)

Isto nos obriga a concluir que não há forma de estilo, por mais elaborada, que escape ao inconsciente. Se isto por natureza nos desencoraja a encontrar o inconsciente nos peristaltismos de um cão, tão pouco obriga os analistas a tomarem banhos de imersão de poesia macarrônica.

Quer dizer, não é tomando banho de poesia macarrônica que a gente chegará a conhecer bem os tropos e as figuras.

Desejável seria formá-los na problemática da linguagem para que distinguissem o simbolismo da analogia natural com a qual se confundem habitualmente.

Eu fico até pensando, assim, num um estilo de um certo, alguns Lacanese, assim, que acham que dizer qualquer coisa combinado com qualquer coisa, juntar três ou quatro palavras de forma que pareça falável, rimar, já é dizer alguma coisa de aproveitável, como se, de novo, eu acho que captando essas coisas apenas no seu plano imaginário em que elas perdem completamente a sua força.

Paulo Medeiros: Eu acho que sobre esse aspecto até a gente melhorou um pouco, porque a uns vinte anos atrás eu me lembro que se fazia um certo arremedo... assim...cheio de trocadilhos, como se aquilo fosse alguma coisa simbólica. Trocadilhos idiotas passando por ensaios geniais...,tipo... o sujeito dizia: -Tomei um elevador, e o analista "gênio" replicava: - Ah, eleva-a-dor!, para enorme susto do analisante, e, provavelmente muita mangação.

Edna Porto: Eu acho que a gente vem se dando conta da força do Imaginário com mais presteza.

Pedro Leonardo: A analogia, não é? A diferença entre a analogia e metáfora....

Edna Porto: ..distinguir o simbolismo da analogia.

Pedro Leonardo: Isso é importante porque...inclusive eu acho que seguindo o apoio de Freud...a teoria do apoio, da pulsão, do apoio; como é o termo em alemão...? É uma analogia,... é tão analogia que dá lugar a essas confusões até hoje de usar instinto no lugar de pulsão e tal... tem a tradução da *Standard* contribuindo para isso, mas isso começa lá na analogia que Freud fez e, inclusive com uma certa ancoragem de um lado orgânico, no biológico. E aí em vez de romper completamente, não. A teoria do apoio ele tenta... é uma no cravo e outro na ferradura,.. é analógico.

Edna Porto: E aí ele segue dizendo:

Esta é a distinção entre significante e significado. A primazia do significante sobre o significado é impossível de eludir de todo o discurso da linguagem. Somente a psicanálise está em condições de impor ao pensamento essa primazia, demonstrando que o significante dispensa toda cogitação. Diríamos que a descoberta de Freud é essa verdade e somente seu registro permite conceber essa duração inextinguível do desejo. No entanto, é preciso articular que esse registro é para se tomar ao pé da letra, isto é, que a determinação simbólica que Freud chama de autodeterminação deve ser considerada primeiramente como fato de sintaxe se quisermos apreender seus efeitos de analogia, pois esses efeitos se exercem no texto ao sentido, longe de impor seu sentido ao texto. Chegamos assim à atenção flutuante, pois se Freud deu esse tipo de atenção como contrapartida da associação livre, o termo flutuante não implica flutuação, mas pelo contrário, a igualdade de seu nível que...

Miriam Nogueira: Esta igualdade é no sentido de uma mesma instância, ou seja, é não valorizar nem uma coisa nem outra, no sentido de igual.

Edna Porto: Igualdade de nível à associação livre.

Que uma das orelhas se ensurdeça tanto quanto a outra, deve ser aguda e que prestem atenção aos sons ou fonemas das palavras, das locuções, das sentenças, sem omitir aí as pausas, escanções, cortes, períodos e paralelismos, pois é lá que se prepara palavra por palavra da versão sem a qual a intuição analítica fica sem suporte e sem objeto. É assim que a fala se oferece. Pensamos ter apontado...

(calem a boca que agora não é hora de comer não!, ainda estamos na aula)

Taciana Mafra: É para calar a boca mesmo.

Edna Porto: Pensan... Juliana, isso é um acinte, até eu estou com a boca cheia d'água, por favor!! Isso é um horror.

Pensamos ter apontado que o estudo da determinação simbólica permitiria reduzir o que a experiência psicanalítica tem. A ausência teórica que apontamos na doutrina nos põe em discordância com o ensino.

Paulo Medeiros: Desculpe, espera aí, eu estou tentando me achar no texto para lhe acompanhar. Por favor, vá mais devagar.

Edna Porto: É assim que a fala se oferece....

Alguém: Mas ela está seguindo direitinho o texto; está dando para acompanhar por aqui.

Edna Porto: Estou seguindo direitinho?

Paulo Medeiros: Eu achei que você acelerou numa parte fundamental. A gente não tem pressa não...

Taciana Mafra: Mas você não está querendo colocar uma coisa aí?

Paulo Medeiros: Não, eu estou querendo que ela vá mais devagar, porque esse negócio é fundamental. Não precisa correr muito.

Taciana Mafra: Acelerou o quê? Na velocidade da leitura?

Edna Porto: Ah! Eu pensei... Ah, sim! Pois pronto. Então, voltando aqui. Então, depois que ele fala da tensão flutuante que diz que é preciso que uma das orelhas se ensurdeça tanto quanto a outra deve ser aguda.

Paulo Medeiros: Um pouco antes, Edna.

Edna Porto: Chegamos assim à atenção flutuante,.... aqui?

Paulo Medeiros: Antes, quando você começa a explicar a diferença entre o significante e significado.

Edna Porto: Pronto.

a primazia do significante sobre o significado é impossível de eludir de todo o discurso da linguagem. Somente a psicanálise está em condições de impor ao pensamento essa primazia, demonstrando que o significante dispensa toda a cogitação. Diríamos que a descoberta de Freud é essa verdade e somente seu registro permite conceber essa duração inextinguível do desejo.

Miriam Nogueira: Anteseu posso falar uma coisa que veio da minha cabeça? Antes quando você, numa passagem que ele fala o chiste e do... ?

Edna Porto: Cômico.

Miriam Nogueira: Quer dizer, e daí eu fiquei pensando que o chiste tem a ver com a questão do significante. O cômico não necessariamente. O cômico pode entrar num registro do significado.

Pedro Leonardo: A pantomina, não é?

Paulo Medeiros: Não deixem Pedro me trancar no banheiro não!

Taciana Mafra: Júnior, chegou uma bandeja com comida.

Edna Porto: Eita! Está pedindo para você trancar ele no banheiro.

(interrupção involuntária da gravação)

Edna Porto: Repetindo:

Diríamos que a descoberta de Freud é essa verdade e somente seu registro permite conceber essa duração inextinguível do desejo. No entanto é preciso articular que esse registro é para se tomar ao pé da letra, isto é, que a determinação simbólica que Freud chama de autodeterminação deve ser considerada primeiramente como fato de sintaxe se quisermos apreender seus efeitos de analogia, pois esses efeitos se exercem do texto ao sentido longe de impor seu sentido ao texto.

Pedro Leonardo: Por favor repete isso aí.

Edna Porto: *A determinação simbólica se exerce como fato de sintaxe... devemos considerar a determinação simbólica como fato de sintaxe cujos efeitos se exercem do sentido ao texto e não do texto ao sentido.*

Miriam Nogueira: Quando ele fala da associação livre, que é a contrapartida da atenção flutuante, quer dizer, ...a associação livre, ela não tem nada de livre, nesse sentido ela sofre uma determinação...

Edna Porto: Ela só se faz livre até porque ela está completamente determinada por isso aí, então é preciso dispensá-la de caminhar pela analogia. É se entregar à estrutura ficcional e pronto. É entregar-se à estrutura ficcional, até porque essa estrutura é consistente.

Miriam Nogueira: Eu estou sentindo que não é livre porque não é dirigida pelo analista como antes que ficava perguntando: "E isso? E aquilo?" Orientando. Quanto mais deixa livre nesse sentido, mais ela não é nada livre, ela se mostra...

Edna Porto: Ela se revela nos seus aprisionamentos.

Paulo Medeiros: Mas acho que é justamente um dos aspectos, ... em livrar o discurso do sujeito da sugestão.

Taciana Mafra: Da adivinhação, que ele vem falando antes, não é?

Edna Porto: (lendo Lacan)

Chegamos assim à atenção flutuante, pois se Freud deu esse tipo de atenção como contrapartida da associação livre, o termo flutuante não implica flutuação,

mas pelo contrário a igualdade de seu nível, que uma das orelhas se ensurdeça, tanto quanto a outra deve ser aguda e que prestem atenção aos sons ou fonemas das palavras, das locuções, das sentenças, sem omitir aí as pausas, escanções, cortes, períodos e paralelismos, pois é lá que se prepara, palavra por palavra, a versão sem a qual a intuição analítica fica sem suporte e sem objeto. É assim que a fala se oferece. Pensamos ter apontado...

Taciana Mafra: Que é isso, intuição?

Edna Porto: Intuição, intuição. Intuição aprisionada, determinada nesse campo aqui, é alguma coisa da ordem de um *não saber* de inconsciente que se faz saber que...

Taciana Mafra: Ah! sim ! Sem a qual

Pedro Leonardo: Sem qual a vida é nada, sem a qual se quer morrer

Edna Porto: Sem a qual, sem essa versão produzida neste enquadre: associação livre, atenção flutuante, a intuição não tem nenhum objeto nem tem suporte. E aí a intuição não é mais alguma coisa da ordem de um caboclo doido que baixa. É um inconsciente revelando-se em seus efeitos.

Edna Porto: (retomando a leitura)

Pensamos ter apontado que o estudo da determinação simbólica permitiria reduzir o que a experiência psicanalítica...

eu acho que eu deixei alguma palavra, de escrever alguma palavra aqui ou reduziram o que a experiência psicanalítica tem... eu devo ter deixado algo de fora, muitas coisas aliás...

a ausência teórica que apontamos na doutrina nos põe em discordância com o ensino que reciprocamente a isso responde. A técnica da psicanálise, ao se exercer sobre a relação do sujeito com o significante, confere à psicanálise o seu lugar na ordem das ciências conjecturais, pois a conjectura não é o improvável, a estratégia pode ordená-la com certeza da mesma forma que as leis da subjetividade, que são matemáticas. É nessa ordem que se edificam as noções de estrutura. A perspectiva de tal investigação exige uma formação que reserva a linguagem seu papel substancial.

Míriam Nogueira: Essas leis (...) que ele está falando são as leis do inconsciente, da metáfora, da metonímia, da linguagem?

Pedro Leonardo: É. São os tropos de linguagem.

Edna Porto (retomando a leitura):

É nessa ordem que se edificam as noções de estrutura. A perspectiva de tal investigação exige uma formação que reserva à linguagem seu papel substancial. É o que Freud formula no programa de um instituto ideal desenvolvendo conjunto mesmo dos estudos filológicos.

Paulo Medeiros: E nunca colou... a proposição do Freud não colou. (**Alguém:** Qual proposição?) Essa de estudos filológicos no Instituto de Berlim. Não colou.

Edna Porto: Aí Lacan diz:

Como a ordem do dia aqui é o legado de Freud, procuramos ver o que ele se torna no estado atual das coisas

Pedro Leonardo: Ele sugere isso no pós-escrito de Schreber. Esse estudo filológico. No pós-escrito que ele fez em Schreber, ele (Freud) sugere que os analistas se dediquem a esse estudo filológico. Está no pós-escrito de Schreber.

Paulo Medeiros: Quando ele vai falar sobre a língua fundamental.

Pedro Leonardo: É.

Pedro Leonardo: A história do pássaro e tal; da serpente sobre algumas, como é? Algumas tribos que tinham a prática de colocar as crianças num ninho de cobra, cujo totem era serpente ...se essa serpente picava ou não. Tem que ser por aí você fazendo coisas desse tipo. Da água que coloca o filhote para olhar o sol.

Edna Porto: (retomando a leitura)

*A história nos mostra que a preocupação que orienta o Freud na organização da IPA foi assegurar a manutenção de seu pensamento em sua completude quando ele não estivesse mais lá para defendê-lo. Os problemas com Jung tornam essa manutenção um problema angustiante. Para afrontá-lo Freud aceita a idéia de uma espécie de jovem-guarda, de velar a dita manutenção, não apenas por uma solidariedade secreta, mas também por uma ação desconhecida. Freud outorga a esse projeto carta branca, o que lhe trás segurança e tranqüilidade. A história secreta da IPA nem foi feita, nem está por fazer, pois seus efeitos são desinteressantes perto daqueles produzidos pelo segredo em relação a sua história. E o segredo da história não deve ser confundido com os conflitos, as violências e as aberrações que constituem sua fábula. Freud colocou a questão de se os analistas satisfazem o padrão de normalidade que exigem de seus pacientes, o que foi tratado de forma a dissimular as estruturas. Deve-se partir para a nossa visada do fato de que Freud criou a IPA dez anos antes de em *Análise do Ego e Psicologia das Massas*⁷ se interessar pelos mecanismos através dos quais um grupo participa da multidão descobrindo a identificação do ego de cada indivíduo a uma mesma imagem ideal sustentada pela personalidade do líder.*

Everaldo Soares Júnior: Essa comparação dos dez anos antes da questão da identificação do líder, quer dizer em 1909, não é?

Edna Porto: É.

Everaldo Soares Júnior: É essa questão aí que volta dos preceitos, não é? Essa questão aí também transferencial e também essas identificações imaginárias a esse líder. Nove anos, dez anos antes, como é que procedia essas reuniões? As reuniões da quarta-feira, e as divergências que haviam ou que houveram,... e essa questão que dez anos depois ele vem analisar isso aí. No *Seminário da Transferência*⁸ ele remete, Lacan remete também a essa questão. Dessa psicanálise, como se processavam essas identificações imaginárias ao líder, mas que também é nessa época que vem florescer alguns artigos importantíssimos: *Totem e Tabu*⁹, *Sobre o Narcisismo* e outros.

⁷ FREUD, Sigmund. *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego (1921)* [*Massenpsychologie und Ich-analyse* (G.S., 6, 261-349 e G.W., 13, 71-161.) Trad. Inglês: *Group Psychology and the Analysis of the Ego. Standard Ed.*] Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Vol. XVIII. Rio de Janeiro. IMAGO 1974

⁸ LACAN, Jacques *O Seminário de Jacques Lacan. Livro VIII: A Transferência 1960-1961* [*Le Séminaire de Jacques Lacan. Livre VIII: Le transfert (1960-1961). Éd. du Seuil, Paris*]. Ed. Zahar, São Paulo, 1995

⁹ FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu - Alguns Pontos de Concordância Entre a Vida mental dos Selvagens e dos Neuróticos (1913[1912-13])* [*Totem und Tabu* (Viena, 1913, G.S., 10, 3; G.W., 9.) Trad.

Paulo Medeiros: É, acho que aí a gente tem uma questão, uma pergunta a se fazer continuamente: como passar ou evitar essas identificações imaginárias a um líder ao campo do Simbólico, ou seja, ao campo do discurso psicanalítico. Ele usa um termo aqui que eu acho muito interessante, a função do “boss” ou do “Alcaide”; Boss o patrão, quer dizer, as grandes... às vezes eu brinco aqui, mas eu brinco baseado um pouco nessa história de dizer que hoje existe uma,... existem multinacionais da psicanálise, empresas multinacionais da psicanálise ao redor de um boss, ao redor de um patrão, uma hierarquia rigidamente estabelecida ao redor do detentor do poder. Então, como é que a gente pode lidar com isso, senão fazendo uma tentativa contínua de sair desse campo de identificação imaginária para um campo de determinação simbólica na ordem do discurso da psicanálise. Para mim é sempre uma questão das instituições, para nós, enquanto instituição. Porque há uma tendência, parece que existe sempre algo narcísico ao redor dessas identificações imaginárias em busca de uma unidade. Quando Freud escreveu a respeito do Exército e da Igreja, foi também para indicar que são os discursos que propõem unidade, que não é o discurso psicanalítico, com a divisão do sujeito, mas mesmo assim...

Everaldo Soares Júnior: E já existem institucionais, não é?

Paulo Medeiros: É. E ao redor de boss, ao redor de padrões, de mandantes, estatuídas hierarquicamente e se transformam... é como se houvesse sempre uma certa nostalgia do internacional, no movimento Lacaniano.

Miriam Nogueira: Escuta, desculpa interromper... mas aqui no Polo Recife o pessoal do Jacques Alain-Miller, não sei se tem alguém aqui ligado, espero que não, porque eu vou falar mal; eles fazem esse tipo. Tem toda uma ideologia realmente de...

Paulo Medeiros: De boss.

João Rego: De hierarquia.

Paulo Medeiros: De empresa mesmo.

Miriam Nogueira: Até a terminologia aqui em Recife é melhor. Polo Recife, porque tem Polo Pina, Polo Torre, mas lá no Rio é Seção Rio, Seção feito departamento Mesbla, entendeu, que é um departamento seção, utilizam essa nomenclatura nesse sentido, de departamento, de seção... seção de brincos...

João Rego: Quer dizer que isso aí seria uma espécie de um mimetismo do esquema da IPA.

Edna Porto: Agora eu acho que a clareza com que certas instituições expõem esses mecanismos, nos cega em relação ao que nós próprios reproduzimos disso entre nós sem que nos apercebamos. Isso é tão claro em certos modelos institucionais que a gente pensa que só acontece com eles e que eles então são os portadores desse defeito que nós não temos. Na verdade essas coisas não se passam porque eles sejam isto ou aquilo, mas porque isso é da ordem do inconsciente, isso são os seus efeitos e nós acabamos por reproduzir isso também. O que a gente deve fazer é tentar se dar conta. Porque isso aparecerá entre nós o tempo todo. Isso é o que diz de uma formação.

João Rego: A gente está tratando do fenômeno da identificação.

Edna Porto:... perceber esses efeitos é o que diz de uma formação. Na verdade o fato de esses modelos institucionais, isto nos prejudicam.

Inglês: Totem and Taboo (Londres, 1950; Nova Iorque, 1952; Standard Ed.13.) Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Vol.XIII. Rio de Janeiro. IMAGO 1974

Miriam Nogueira: (...) acho que não é só uma questão, essa espontânea da identificação do mecanismo etc aos quais nós todos estamos susceptíveis não. Eu acho que tem, ... me parece que tem uma coisa realmente de poder mesmo, tipo Igreja Universal do Reino de Deus, aquela coisa de doutrinar, entendeu?

Edna Porto: Aqui me caberia, ... o que eu acho perverso, a sua palavra me parece muito feliz, é que o que haveria de alertar é estatuído como legítimo e oferecido como algo a ser consumido produzindo legitimidade a quem se diz antes...

Miriam Nogueira: Em vez de diagnosticar e identificar o fenômeno para a gente poder se livrar dele (**João Rego:** Pelo menos atenuar os seus efeitos), não, eles administram a coisa mesmo.

Edna Porto: O que haveria de analisar é estatuído e legitimizado, e pronto.

Sra A: Eu vou fazer uma pergunta que talvez seja muito perversa, talvez muito ignorante, talvez ambas. Mas, por exemplo, quando existia o bloco socialista e bloco direitista eu sabia contra quem lutar. No momento em que vira tudo um samba do crioulo doido, eu própria me perco muito nesses referenciais. Estou usando isso enquanto exemplo para a própria psicanálise ou para a própria formação ou para qualquer critério. No momento em que tem um critério eu posso saber se eu o adoto ou não. Se não tem critério, como é que eu fico?

Edna Porto: Mas há um critério! (...) tomar a psicanálise (...) os efeitos são múltiplos, e esses efeitos são demonstrados e neste sentido (...) a ordenação simbólica, qualquer coisa fora daí aí..., (...), esse é o critério e não temos a garantia, infelizmente não temos a garantia de que indo por tal ou tal via não nos depararemos com essas coisas, porque o inconsciente nos trairá, e se afirmará sobre nós, sempre. Então não tem como escapar. Não tem como. O critério é esse, é tudo tomar em sua ordenação simbólica, em tudo remeter os efeitos do inconsciente, não há garantia nenhuma disso aí e a isso não somos imunes em nenhum lugar.

Genildo Cordeiro: Mas o que a Sra A toca (...) é o muito mais pensando nessa questão da identificação, na medida em que não há uma identificação com o (...) ele nesse momento ele é da contracultura quando não se identifica com o discurso do poder, seja como você mesmo disse, quando não é mais possível se colocar a favor ou contra o marxismo ou do neoliberalismo etc e tal. Então aí ele passa a ser da contracultura, não é?

Edna Porto: Passa a ...?

Everaldo Soares Júnior: Ser da contracultura.

Genildo Cordeiro: E como é que fica aí a questão da identificação? Isso é uma questão...

Edna Porto: Ele indica a sua miragem narcisista. Nós não temos mesmo modo de lidar com a ordem social.

Paulo Medeiros: É, talvez não seja da contracultura mas de um mal estar da cultura, o que Freud propôs sempre presente. Nunca haverá um termo de solução. (...) envolvendo nossas questões sociais, nossas questões institucionais, será sempre permeada por esse mal estar.

Genildo Cordeiro: Será que não teria a ver com a questão da análise, na medida em que na análise você vai ter uma desagregação do sujeito aí seria possível essa alienação (...).

Paulo Medeiros: O certo me parece que a análise passa por esse discurso, o discurso que é produzido nas instituições psicanalíticas, nos campos próprios à formação. Por certo que sim, acho que uma análise passa pelo discurso do analista. Aí a gente pode voltar a tal neutralidade que significa isso.

Miriam Nogueira: ...que na instituição a gente passa por todos os discursos: o do mestre, o universitário, e também pelo psicanalista (...) como fugir desses efeitos? Quando a própria constituição do sujeito, em princípio, ela é imaginária, fundamentalmente imaginária. Primeiro

momento de constituição é identificação primordial que aquele primeiro arcabouço, que Lacan tão bem falou no Estádio do Espelho é uma identificação imaginária. Isso já é um caminho na constituição do sujeito. Não só o sujeito *este* que depois *vai ser* entre os significantes, mas da própria constituição da teoria psicanalítica de Lacan, da formação do conceito que começa pelo Imaginário. Não é à toa que ele propôs o Imaginário inteiramente...

Pedro Leonardo: Não é algo que se supere, que se ultrapasse. É algo permanente, que está sempre lá, como estrutura.

Paulo Medeiros: Quer dizer, como alienação ou como separação? Sempre haverá o elemento de alienação e de separação. Daí a impossibilidade de um campo de unidade, um campo unitário.

Everaldo Soares Júnior: Esse *eu*. Esse campo unitário é esse *eu* síntese, esse *eu* uno, que é afinal de contas esse *eu* institucional, que é o *eu*,... o *eu* enquanto instituição, que é o *eu* imaginário, que é o *eu-ideal*, que é o eterno, não é? Então essa questão aí de análise e síntese sempre vai acontecer. Não é como... João colocou uma palavra ali que ficou assim no meu ouvido, não é uma questão de atenuar não. Como atenuar que isso aconteça ou não aconteça. Porque o Imaginário não desiste e está lá o tempo todo e sem ele estava meio difícil a situação.

Edna Porto: Vamos seguir? Então a gente estava aqui...

Paulo Medeiros: Só para lembrar um detalhe que tudo isso ao meu ver passa por uma...- como é que a gente poderia dizer?-, uma tendência ao incesto, não é? Porque as instituições psicanalíticas...É porque acho que a gente passa por isso também, a nossa tendência é uma tendência incestuosa, quer dizer, a instituição como campo próprio ao incesto, tanto é que desde Freud a marca da constituição familiar no âmbito das instituições psicanalíticas é muito forte. Você falou no Jacques Alain-Miller, então esse é um exemplo próprio a Lacan, não é?, através da filha Judite, como também Ana Freud, a filha do Freud manteve sua submissão do poder de filha por muitos anos. Então essa tendência ao incesto... e as instituições psicanalíticas que se formam ao redor de casais de analistas pode passar a ser um analisando e outro controlando. Então isso também existe.

Everaldo Soares Júnior: Ô Paulo! Essa questão familiar que você coloca aí, essa questão do incesto nesse lugar familiar. Em um discurso do senso comum, muitas vezes isso é enaltecido. O nosso clube é uma família, o Congresso Nacional funciona como uma família também, a semelhança da família brasileira...

Paulo Medeiros: E como em toda família, há muita safadeza, como bem ensinou Nelson Rodrigues, além de Freud.

Everaldo Soares Júnior: E a pensão é familiar, pensão familiar.

(risos)

Sra A: Tem uma coisa muito mais curiosa...porque na família de fato eu não tive direito de escolha, na família adotada eu tenho.

Pedro Leonardo: Tem nada.

Sra A: Eu tenho!

Pedro Leonardo: Tem nada.

Sra A: Ah, eu tenho. Eu tenho. Ah, eu quero ter.

Paulo Medeiros: Você pensa que está aqui por escolha? Ledo engano.

Sra A: Eu quero.

Pedro Leonardo: Eu só me lembro dentro de tudo isso de Fernando Pessoa. *"Eu não sou da companhia, se é para ir para o inferno, eu vou só"*. Tem que lidar com isso o tempo todo dessa forma, não adianta. Não tem como atenuar...

Sra A: Pedro tocou em um assunto que me encuca desde há muito tempo. (**Pedro Leonardo:** De ir para o inferno? **Sra A:** De ir para o inferno não, eu já vivo nele.). Mas é o seguinte: eu ouvi de uma pessoa muito poética, muito sensível e etc, um analista que recebeu um feedback de um cliente, não sei, de forma também muito sensível, muito poética. Eu jamais receberia um feedback nesses termos, então eu fico perguntando se de fato é impassável esse modelo do analista.

Pedro Leonardo: Impassável?

Sra A: Sim, se não passa...

Pedro Leonardo: Passa. Lógico. E Paulo falou exatamente isso. O discurso do analista está presente, passa sim. Na própria análise, ela está falando.

Paulo Medeiros: Agora um grande nó é o seguinte, é que essa solidão necessária ao ato analítico, ela passa por uma contingência imprescindível que é este da instituição. O discurso psicanalítico, enquanto discurso, ele é partilhável. E o âmbito de trabalho de discurso psicanalítico é um âmbito de trabalho institucional. Então como distinguir o ato solitário, do ato social; não é o ato...

Edna Porto: O ato isolado. O ato solitário é outra coisa

(risos)

Edna Porto (retomando a leitura):

*Deve-se partir para a nossa visada do fato de que Freud criou a IPA dez anos antes de em **Análise do Ego e Psicologia das Massas**¹⁰ se interessar pelos mecanismos através dos quais um grupo participa da multidão descobrindo a identificação do ego de cada indivíduo a uma mesma imagem e ideal sustentada pela personalidade do líder. Atentando mais cedo para os efeitos disso Freud se interrogaria sobre os seus efeitos na transmissão de sua doutrina e nas exigências que se levantavam por esta via à instituição que deveria assegurá-la. Ele teria visto que a psicanálise didática oferecia o risco de que a menor flexão sobre o sentido do que ela procura se transforma em uma experiência de identificação dual. Mesmo nos círculos dos didáticos se confessou que a teoria que diz do fim de análise é a identificação com o ego do analista. Ora, a sujeição psicológica a que destina-se tal experiência é o que há de mais contrário à verdade que ela deve tornar patente a saber: a estranheza dos efeitos do inconsciente. A derrocada resultou disso, o estabelecimento de uma rotina de programa teórico. A identificação com a imagem que dá ao grupo seu ideal, funda, é certo, como Freud mostrou em um esquema decisivo à comunhão do grupo, mas em detrimento de toda comunicação articulada. Sem dúvida um bom objeto, como se diz, pode presidir a essa sujeição coletiva, mas essa imagem que faz os cães fiéis, torna os homens tirânicos. A ideologia dessa experiência ressuscitando uma teoria do ego autônomo sob a forma do desconhecimento próprio à presunção do ego. Encontra-se ainda a união por onde a psicanálise se dobra em direção ao Behaviorismo. Qualquer que deva ser a saída dessa singular situação a responsabilidade permanece inteira para com os que aí a defendem. Ninguém duvida da importância do número de trabalhadores para o avanço de uma ciência, mas é preciso que a discordância não exploda de todas as partes sobre o sentido a dar à experiência que a funda. Esta é a situação da psicanálise. Ao menos essa situação nos*

¹⁰ Ibidem

parecerá exemplar por demonstrar, a partir da descoberta Freudiana, a premência da relação intersubjetiva na estrutura do significante. A medida que a comunidade analítica deixa de dissipar a inspiração de Freud, o quê, se não a letra de sua doutrina a faria ainda se manter um corpo?

Acabei.

(palmas!! bravo!! bis!!)

Paulo Medeiros: Uma beleza de texto, agora quem não leu, deve ler.

João Rego: Eugênia, espere aí só um minutinho (pedindo tempo para preparar o gravador).

Eugênia Menezes: Tem um parágrafo que passa que eu não entendo nadinha (se referindo ao texto de Lacan). Vou ler viu? *"Mas as duas superfluidades que aqui se conjugam, pela conviência do defeito do Discurso Inconsistente com o excesso do Discurso Imotivado, não é por essa razão que elas se respondem, não mais que jamais todas as bilhas que aí se coloque não farão um passador mais próprio para servir a sopa."* Então a minha questão não é em relação a este parágrafo específico, mas é que tem vários desse teor que eu não sei o que fazer deles. Eu deixo para lá, jogo fora, faço que não li? Tá entendendo, Pedro, qual é o meu problema? Tem vários, aí aqui eu tive um ataque e botei pê quê pê, aí mais na frente, puta que pariu; aí tem um aqui que disse assim: *"Vê se aqui a função do um a mais..."*, que agora eu já entendi por causa de Edna...

Paulo Medeiros: Aonde menina?

Eugênia Menezes: Página 211, o último parágrafo. *"Vê se aqui a função do Um A Mais, mas também que é preciso que ele seja Um Sem Mais, pois Um ainda será um demais, que faria recair todos os números dois numa presunção, que permanece sem remissão por se conhecer como sem remédio"*, aí eu botei arre égua. Porque não dá para eu entender... eu não sei...

Edna Porto: Lacan. (...) crítica satírica.....(..) Então eu acho que estes parágrafos, eles têm que ser entendidos conforme essa denominações que ele criou: da insuficiência do discurso imotivado, do discurso inconsciente... Que eu não me detive porque eu achei que acompanhar esta verve do discurso de Lacan aí era muito importante, sem dúvida, mas secundário se comparado ao principal desse texto que é o que remete ao título dele. Então esse passeio por essa verve aqui Eugênia, ele está no anexo, sem essas referências a estes canais que ele tomou, mas isso tudo está no anexo..., a articulação teórica está toda lá. Eu não tenho como, ... porque já teria que ler o texto de novo para acompanhar com você para ver o que disso aqui corresponde, nisso que consta do anexo, sem ter que recorrer a esta forma estilística, que aqui realmente acrescenta dificuldades na medida em que ele vai fazer uma certa diagramação das coisas, criando,.. essas palavras, intitulando figuras, denunciando posições e funções, mas recorrendo a um tipo de dinâmica muito satírica mas mais difícil de acompanhar do que quando ele discorre menos dificilmente por essas mesmas articulações teóricas, sei lá...lá na frente do texto.... Olhe ele está assim, furioso com o funcionamento da IPA e tentando denunciar isso ao mesmo tempo em que produz uma sátira. Então a sopa é por....

Miriam Nogueira: O que me chama atenção aí é que bilhas, eu não sei como é em francês mas eu já vi várias vezes essa palavra bilhas no texto de Lacan eu ficava pensando o que diabo seria isto. Bilhas, é como se fossem rodinhas, aquelas esferinhas (*Alguém*: Ah! rolimã) que é para deslizar, essa coisa,..... entende nesse texto que Lacan ele falava em bilhas, ele traduzem bilhas.

(...)

Eugênia Menezes: Eu queria explicar um pouco a minha grossura diante do texto. Eu não aprendi a cozinhar, infelizmente (*Alguém*: Não aprendeu o quê?) A cozinhar, porque era assim, tudo que eu tentava fazer diziam assim: *Siga a receita que dá certo. Isso é preguiça, porque*

...você não quer, porque você não está interessada...Aí vinha: Faça um viandalho! Faça uma calda em ponto de bala. Então eu entendia que para aprender a cozinhar eu precisava fazer um pré, um jardim da infância, e que eu não tinha feito, tá entendo como é? E aí como eu não tinha feito esse jardim da infância nunca alcançava o que a receita dizia. Então sendo assim, eu nesse texto sinto que tem um pré, uma salinha azul, ou uma salinha verde, que eu não passei por ela, e que eu preciso passar.

Edna Porto: A gente pode voltar e se demorar nesse texto um pouco mais e...

João Rego: A salinha não está nesse texto não. A salinha não está nesse texto..

Edna Porto: Sim, mas para tentar recuperar um pouco dessas linhas aqui, entendeu?

Pedro Leonardo: Eu concordo com você, agora os textos de Lacan se caracterizam por uma certa sincronia e não diacronia. Você não vai encontrar um texto primário, no sentido de mais básico, de que vai lhe fornecer esse instrumento. Aonde você abrir, na obra dele, há uma certa sincronia, ela fala tudo ao mesmo tempo ali. Diferente de Freud, onde você pode estabelecer, ... você pega pulso em Freud e você vai rastreando desde do começo da obra até o último escrito dele. Lacan não, ele é sincrônico. Ele põe em prática no texto dele o que ele fala de significante. A sincronia do significante. Ele põe em prática. Você veja, essa angústia quando você está lendo alguma coisa e você fica em suspenso sem entender o que é, continue lendo, continue lendo, ... porque ele põe em prática, você só vai entender - como ele diz o tempo todo - , no ponto final, de maneira retroativa que dá sentido a todo o texto.

Sra A: Eu vou lhe dar um depoimento. Eu falava tal qual você está falando nesse momento, e eu ouvi de Pedro coisa muito interessante que ele disse comigo. E aí eu comparei com o aprender a dirigir, não adiantava eu treinar só acelerador, eu tinha que ao mesmo tempo me habituar com acelerador, freio, embrenhagem e aí eu me perdia porque eu me embananava toda, o carro estancava,...

Eugênia Menezes: Porque a minha dúvida era a seguinte: eu entrei no grupo de Freud, dois grupos de Freud, e aí Paulo disse um dia, porque você não vem na quinta? E eu disse assim, Paulo eu queria primeiro conhecer Freud, amadurecer um pouco para poder entrar em Lacan. Aí ele disse não! Venha! Eu conversando com Pedro eu disse; Pedro, Paulo acha que eu devo vir nas quinta-feiras, mas eu não sinto que eu já possa misturar Freud com Lacan, eu tenho medo de embaralhar as coisas. Agora me volta a sensação de que eu teria que amadurecer mais Freud para chegar em Lacan.

Pedro Leonardo: A melhor maneira de aprender Lacan é lendo Freud, como instrumental lacaniano. Está entendendo, pois pela própria leitura que você fará de Freud sob uma perspectiva das leituras de Lacan, está entendendo, eu acho que é por aí....Lacan faz do texto dele a fenomenologia do que ele fala. (**João Rego:** Quer dizer que essa angústia de o cara estar lendo sem entender nada...) O ponto de estofo, é o tempo inteiro na maneira com ele estrutura o discurso dele. Fica tudo em suspenso, as vezes você passa páginas sem entender o que ele está dizendo, em uma última palavra você entende tudo. Agora você ficar angustiada, parando, volta, vai, vai... para entender, para apreender no significado? Não vai.

Paulo Medeiros: Agora aí particularmente nesse parágrafo que você chamou a atenção eu ressaltou o que Edna já enfatizou com relação a ironia. Então há aí algo muito irônico, quando ele fala de *discurso inconsistente, excesso de discurso imotivado*, veja o tom de ironia, mas essa ironia ela segue um raciocínio muito preciso que começa na página 203, quando ele fala, ele cita é, ... lembra que a gente estava discutindo aqui sobre o campo Simbólico, a imparidade do 2 ? Então, em relação a essa imparidade do 2, na página anterior, 211, você veja que ele começa a dizer assim:

Na série assim constituída - vejam série, um termo matemático hein? -, pode-se dizer como o efeito de um lugar ímpar é ocupado pela metade dos números 2 mas como a série não tem cabeça,.. - então ele vai começar a falar a partir dessa série, em referência à matemática, a série dos números inteiros naturais, o abismo que há entre um número e outro, um abismo

infinitesimal, a distância entre 0 e 1 é infinita. Há nessa infinitude, então toda uma possibilidade de uma combinatória. Esse 1 a mais, esse 1 a menos que ele fala aí, é em referência a infinitude possível do discurso. Só que o pessoal que ele estava criticando e ironizando, procurava amarrar esse discurso, que ele chama aqui de uma forma imotivada e inconsistente. Ironizando, mas apontando um lugar, para uma infinitude desse lugar que eles fecharam, fecharam ao lugar que ele chama, um pouco antes de *number one*, como se houvesse sempre um número um, ou seja, uma crítica ao didata. Esse número um, que começa por uma citação que ele faz um trocadilho entre *Goudou* e *Goudet*, *Goudet* em latim, *Godou* em Francês, algumas páginas anteriores. Justamente para indicar que nesse campo Simbólico, existe uma possibilidade de infinitude na ordem da combinatória do discurso. Ou seja, entre um número e outro, a distância é infinita, e eles tentaram de algum modo colocar nessa infinitude a finitude do discurso inconsistente.

Pedro Leonardo: E está exatamente isso também no paradoxo de Zenão para falar do tempo, do tempo lógico, que era um das maneiras também de engessar e de amarrar. Até no tempo das sessões e tal, o tempo ideal.

Eugênia Menezes: É agora isso para mim clareia um

Edna Porto: Esse pedaço em que ele está distilando ironia, é difícil do ponto de vista estilístico,... por isso que a referência ao anexo preserva tudo que tem de articulação teórica sem a gente ter que se digladiar com essa raiva dele, entendeu?

Eugênia Menezes: Pois é, eu acho que a questão fundamental é que eu não enveredei pela interpretação da ironia, eu enveredei pela interpretação de um mistério, nem sabia do ele estava falando, a coisa não se tornou saborosa para mim, pois eu sou uma pessoa que curto muito a ironia, não se tornou saborosa, pelo contrário, ela me mostrava um mistério que eu não chegava lá.

Mas pelo lado da ironia, eu acho que realmente..

Edna Porto: É de uma precisão essa ironia, de uma virulência muito bonita até.

João Rego: Em *Psicologia das Massas e Análise do Ego*, Freud coloca esta tendência a unificação do discurso do grupo. Ou seja, há a identificação, há a tendência à unificação, há uma tendência natural a fugir do conflito. Inclusive até com estabelecimento de censura, analisando comportamento tal, para entrar nessa padronização do grupo.

(...)

Edna Porto: A *Proposição de 9 de outubro* é um texto que no seu princípio já diz assim: *Que o psicanalista é aquele que se faz psicanalista de sua própria formação o tempo todo*¹¹. E eu acho que às vezes a gente esquece, ... a gente toma um desvio e não faz isso assim, de estar frequentemente analisando o caminho que percorre o tempo todo, já que nunca daremos conta de um pós em relação a isso, é sempre um durante. Então, acho que o narcisismo de um analista, ele se espraia por diferentes campos, e as vezes é nesse de tentar se fazer autor aí de um conjunto de discípulos.

Paulo Medeiros: Para sermos duros, poderíamos dizer que existe uma certa hipocrisia, para sermos suaves, poderíamos dizer até que é um sofisma. Essa história de...., no movimento laciano não haver didata é um blefe. Porque toda instituição lacianiana, se estatui ao redor da palavra de um didata. Isto é muito interessante para a gente analisar, não é?

Pedro Leonardo: O que é mais grave é o aspecto que me chama a atenção, que é muito grave isso, é não ser explícita.

¹¹ Ibidem

Miriam Nogueira: Bom, eu vou ser até mais clara, mais objetiva, eu fiquei 10 anos em uma instituição no Rio de Janeiro, que era o Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, que tinha como mestre (...)

Paulo Medeiros: Ele estava na televisão ontem.

Miriam Nogueira: É dizendo o quê?

Paulo Medeiros: As besteiras que todo analista na TV (risos)

(...)

Pedro Leonardo: Eu acho que isso é um pouco marca do próprio Lacan. Quanto mais Lacan denunciava o Imaginário, o tempo inteiro denunciando, isso começava a acontecer em torno dele. Ele colocava em um lugar assim que,... tem até um texto do..., do Pontalis sobre o seminário de Lacan que começava e quando era daqui a um pouco estava todo mundo de gravata borboleta e fumando charuto. Esse texto é excelente, e Lacan denunciando o Imaginário o tempo todo.

Miriam Nogueira: Aliás ele dizia vocês são lacanianos, eu sou freudiano.

Paulo Medeiros: É uma babaquice, não acha?, todo mundo de gravata borboleta...

Pedro Leonardo: Mas essa marca, eu acho que essa marca vem passando. Dá uma diáspora, rompe-se, e em cada lugar começam uns pequenos titerezinhos alí .

Paulo Medeiros: Mas é verdade, e acho que a gente tem que encarar isso. Agora há aqui no texto... não me lembro se Edna fez esta referência, mas eu gostaria de ressaltá-la. É a gente ler um conto do **Edgar Alain Poe O Caso do Sr. Valdemar**, uma peça extraordinária, até porque Lacan finaliza com referência a esse conto. Não vou falar do que seja porque é um caso extraordinário. É só para instigar a leitura, aqui **d'O Caso do Sr. Valdemar** está nesse texto de hoje, ele diz aqui:

Assim a coerência mantida deste grande corpo nos faz pensar na imaginação singular que o gênio de Poe propõe à nossa reflexão na estória extraordinária do Caso do Sr. Valdemar .

Leiam este conto para a próxima, que é uma beleza. Que tem a conexão com a morte de Freud e a relação da morte do Freud com o Instituto de Berlim e a com Formação do Analista. E é aí que ele situa **O Caso do Sr. Valdemar** Ah! Joga esse vibrador disfarçado fora! (reclamando do telefone celular que tocava insistentemente).

Pedro Leonardo: Mas houve uma dessas figuras que veio aqui para um seminário, que não se podia tocar nele.

Paulo Medeiros: Eu quase apanhei porque....

Pedro Leonardo: Eu cheguei assim e um membro do séquito gritou: Não toque nele!

Alguém: Não toque em quem?

Paulo Medeiros: Era um chefe de Escola.

Pedro Leonardo: Um chefe de escola que esteve aqui para trabalhar com a gente e depois saímos para almoçar. E, sentado no restaurante, Paulo que o conhece há muitos anos, pensava que era amigo, foi se aproximar para o cumprimentá-lo e aí veio um assecla e disse: Não toque nele!

Paulo Medeiros: Não toque no mestre

Eugênia Menezes: Há eu pensei que era o próprio....

Pedro Leonardo: Não, não ele estava com a sua *entourage*. Tinha gente tirando retrato, porquê num sei o quê,.. passando um livro,..

Eugênia Menezes: Guru de seita, não é?

Paulo Medeiros: Então tem dessas coisas. E esse cara que me disse isso "Não toque no mestre!!" pulou da cadeira dele, "Não toque no mestre!!!"

Pedro Leonardo: Esse que disse isso, Paulo o conhecia há anos!!

Paulo Medeiros: Há mais de 20 anos. Foi um rebelde que se tornou um submisso, um babaca. Era um rebelde, tornou-se um babaca. "Não toque no mestre!!!" A psicanálise babaquiza também.

Pedro Leonardo: Veio provar antes para ver se o vinho era adequado e descartou o vinho, depois o mestre disse "Mas eu gosto muito desse vinho". Aí ele ficou lá com cara de égua.

(risos e várias pessoas falando ao mesmo tempo)

Inscritos no Traço

Adriana Fontes Melo	(081)468.3585
Ana Lúcia Bastos Falcão	(081)423.6757 e-mail: albpsi@elogica.com.br
Andrea Galindo	(081) 241.5604
Antônio Augusto Alves Maciel	(081)268.6242/241.8418
Edna Maria Porto	(083)226.4303/224.0485
Eugênia Maria Simões Cezar Menezes	(081)268.0903
Everaldo Soares Jr.	(083)225.1572/224.3554
Fernanda de Almeida Amazonas	(081)231.6449
Gedalva Januário Rapela	(081)268.3596/231.2636
Genildo Cordeiro	(081) 231.3820
João Carlos Romano Ayres	(083) 226.4303
João Rego	(081)427.6877/268.7123 e-mail: jregoe@pobox.com
Juliana de Barros Guimarães	(081)423.0583/ 421.1370
Lidia Goldfarb	(081)268.5592/424.3818
Luciane de Araújo Batista	(081) 325.0669
Manoel Gomes de Andrade Lima	(081)222.1745/326.9301
Paulo Roberto Medeiros	(081)228.6611/459.1114 e-mail: prmedeir@elogica.com.br
Pedro Leonardo de Lucena Rodrigues	(081)241.9495/268.8030
Rachel Rangel Bastos	(081)268.7123/431.1402 e-mail: cbastos@elogica.com.br
Rejane de Castro e Silva Tenório Cavalcanti	(081)341.1974
Stela Gueiros	(081)241.3504/241.1077
Taciana de Melo Mafra	081)268.3730/268.4136(082)241.9598

Conselho de Administração

Genildo Cordeiro
Lidia Goldfarb
Luciane de Araújo Batista

Biblioteca

Eugênia Maria Cesar Simões
Menezes
Edna Maria Porto
Juliana de Barros Guimarães

Publicações:

Cadernos do Traço

João Rego
Eugênia Maria César Simões
Menezes

Revista VEREDAS

Taciana de Melo Mafra
Adriana Fontes Melo
Edna Maria Porto
Juliana de Barros Guimarães
Pedro Leonardo de Lucena
Rodrigues

Gazeta

Paulo Roberto Medeiros

Correspondentes em Paris:

Adriana Fontes Melo
Juliana de Barros Guimarães